

Juliana de Almeida Araujo



**INDICADORES DE AGRESSIVIDADE NO RORSCHACH (R-PAS):
VÍTIMAS E AUTORES DE VIOLÊNCIA**

Apoio:



**CAMPINAS
2024**

Juliana de Almeida Araujo

**INDICADORES DE AGRESSIVIDADE NO RORSCHACH (R-PAS):
VÍTIMAS E AUTORES DE VIOLÊNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São
Francisco, Área de Concentração - Avaliação
Psicológica, para obtenção do título de Doutor.

ORIENTADORA: ANNA ELISA DE
VILLEMOR-AMARAL

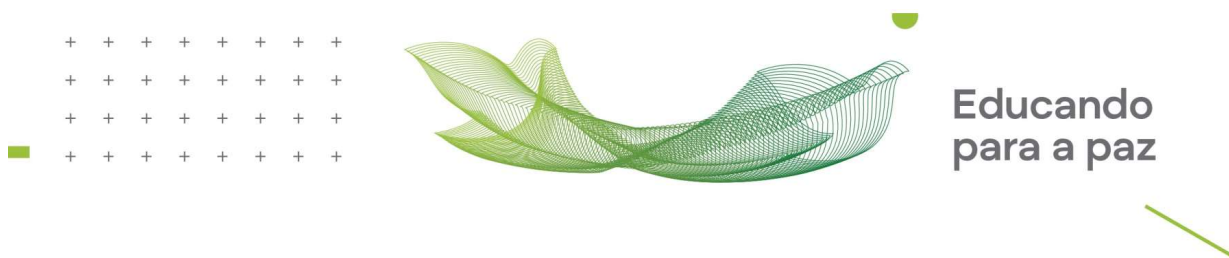
CAMPINAS
2024

157.93 ARAUJO, Juliana de Almeida.
A689i Indicadores de agressividade no Rorschach (R-PAS):
vítimas e autores de violência / Juliana de Almeida Araujo.
– Campinas, 2024.
171 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco.
Orientação de: Anna Elisa De Villemor Amaral.

1. Vítimas. 2. Personalidade. 3. Violência.
4. Criminosos. I. Amaral, Anna Elisa De Villemor. II.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Juliana de Almeida Araujo intitulada defendeu a tese “**INDICADORES DE AGRESSIVIDADE NO RORSCHACH (R-PAS): VÍTIMAS E AUTORES DE VIOLÊNCIA**” aprovada pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 16 de dezembro de 2024 pela Banca Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Anna Elisa De Villemor Amaral
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Ana Cristina Resende
Examinadora

Prof. Dr. Gabriel Vitor Acioly Gomes
Examinador

Profa. Dra. Giselle Pianowski
Examinadora

Prof. Dr. Gustavo Henrique Martins
Examinador

Dedicatória

A cada mulher vítima de violência que confiou nesse trabalho e dividiu comigo sua história,
sua dor e vivências.

Agradecimentos

Para conseguir começar a escrever essa parte, que considero bem importante, precisei voltar e reler essa mesma sessão da minha Dissertação, olhar de novo para a Juliana de 2021 que, no meio do caos da pandemia, finalizou o Mestrado. Agora, em 2024, escrevendo os agradecimentos (que são a última coisa que escrevo da tese), um filme passa na minha mente. Um filme bonito, cheio de aventuras e risadas, mas também cansaço e choros.

A escolha pela vida acadêmica começou no final da faculdade, e a pulguinha de querer fazer “um Mestrado” começou ali. Mas confesso que nunca imaginei como seria incrível toda essa caminhada.

Eu tenho muito que agradecer minha família, meus pais Lucia e Roberto, que sempre foram os incentivadores número um quando o assunto são os estudos. Obrigada por cada renúncia que precisou ser feita por vocês para que hoje eu possa estar aqui, nesse lugar. Aos meus irmãos, Roberta e Vinícius, que amo e admiro tanto, e que estão sempre caminhando ao meu lado, sendo meus parceiros e dividindo comigo todos os momentos de alegria, de caos e de adversidades.

Aos meus quatro afilhados Henrique, Cecília, Lavínia e Manuela, que fazem a minha vida mais leve, mais cheia de amor e me impulsionam a ser cada dia melhor. E porque não falar dos meus dois amores de quatro patas, Tom e Nina, que chegaram na minha vida no meio do caos do final do Doutorado e enchem todos os dias minha vida de amor, carinho e muita bagunça. Aos amigos de longa data, que estão sempre me incentivando, acolhendo e apoiando nas decisões mais malucas que faço. Meu muito obrigada Jennifer, Izabel, Paulo Cesar, Raiani, Wagner, Estefani e Kath.

E quando penso no mundo acadêmico, preciso começar agradecendo a minha orientadora Anna Elisa que foi meu suporte para que esse projeto acontecesse. E confesso que entrei nesse programa de Pós-graduação pela admiração que sempre tive por ela rs, não me via

nele se não fosse para ser orientada pela professora que é referência em Métodos Projetivos. Obrigada por cada descoberta, cada aprendizado, pelas broncas e por ser peça chave na minha carreira.

Ao meu grupo LapSaM, Gabriel, Mayara, Scarlett e Camila, que foram parceiros em absolutamente tudo que precisei para que essa tese acontecesse. O que dizer pra Scar, minha parceira de viagens, de vida e de muitas conversas reflexivas, que sempre tem a palavra certa. A May, que divide não só a temática na tese, mas toda minha vida em horas e horas de áudio, em milhares de mensagens diárias e que é meu maior suporte nas loucuras da vida. Meu muito obrigada por caminharem ao meu lado nessa jornada.

Aos amigos que fiz na USF e que levarei comigo para vida toda... Gustavo, Gisele, Celi, Lucas, Luiz, Letícia. Assim como todos os professores que tive o enorme prazer de poder aprender, ouvir e trocar tanto em todos esses anos.

Toda a coleta para realização desse trabalho só foi possível por todo apoio que sempre tive da PMERJ, instituição que acolheu meus anseios e proporciona muito aprendizado para minha carreira na Psicologia. A Patrulha Maria da Penha, guarnição que sempre me recebeu de braços abertos desde o mestrado, e que me ajudou ativamente na busca e contato com cada vítima e cada autor de violência, em especial aos meus queridos Barreiro, Breves, De Souza, Fernanda e Débora. Assim como toda equipe da vara de violência contra mulher de Volta Redonda, que acolheu e deu todo o suporte físico e administrativo para a realização desse trabalho. Aos meus colegas e parceiros no trabalho e na vida, Coronel Martins, Tenente Jaciara, Capitão Raphael e Tenente Felipe, que não me deixam desanimar diante dos desafios e estão sempre me incentivando a caminhar.

Não posso deixar de agradecer a cada pessoa que participou desse estudo, a cada mulher que confiou no meu trabalho e dividiu comigo vivências tão dolorosas. A cada autor de violência que também expôs partes delicadas da vida.

Ao meu Psicólogo Chico, que caminha ao meu lado em toda essa jornada no mundo acadêmico.

Ao Governo Federal, Ministério da Educação e a CAPES, que proporcionaram toda minha trajetória acadêmica... desde a bolsa integral do prouni para a realização da faculdade até a bolsa de auxílio tanto no mestrado como no doutorado.

Agora, olhando para trás e fechando mais essa etapa, só posso pensar o quanto a Juliana lá de 2011, que estava entrando no mundo da Psicologia, jamais imaginaria chegar aqui, tão longe!

Epígrafe

Embora viajemos pelo mundo para encontrar o belo, precisamos carregá-lo conosco,
ou não o encontraremos.

Ralph Waldo Emerson

Resumo

Araujo, J.A. (2024). *Indicadores de agressividade no rorschach (R-PAS): vítimas e autores de violência*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas, São Paulo.

Os estudos sobre o teste de Rorschach em contextos de violência vêm trazendo dados importantes para o entendimento de padrões de agressividade e vulnerabilidade emocional, especialmente em indivíduos com histórico de violência sofridas ou perpetradas, mas revelam lacunas que merecem maior investigação. Este trabalho é constituído por três estudos. O primeiro analisou os indicadores de agressividade AGC e AGM auxiliando na diferenciação de mulheres com e sem histórico de violência. Foram comparados 41 protocolos, e, embora o grupo com histórico de violência apresentasse médias levemente mais altas nos indicadores AGC e AGM, as diferenças não foram estatisticamente significativas. No entanto, outros indicadores, como Blend, Y, m, MOR, F e R, mostraram diferenças significativas. Entre esses, o aumento no indicador MOR destacou-se, refletindo uma percepção de self danificado, uma característica comum em vítimas de trauma. Esse estudo demonstrou que os indicadores AGC e AGM não diferenciam claramente vítimas de não vítimas, estando a diferença na complexa resposta emocional ao trauma. O segundo estudo comparou as respostas de dois grupos de autores de violência: dez encarcerados e dez com medida protetiva. A análise de conteúdo das verbalizações revelou que os presidiários frequentemente associavam as pranchas a cenários de violência explícita e deterioração, com descrições envolvendo animais em combate, sangue e fragmentação física. Essas respostas sugerem uma projeção de agressividade mais crua, provavelmente exacerbada pelo contexto carcerário. Por outro lado, os autores com medida protetiva apresentaram verbalizações mais objetivas e simbólicas, com menor carga agressiva e foco em elementos naturais, o que reflete uma abordagem emocionalmente mais controlada. A comparação entre os grupos sugere que o ambiente e a vivência individual influenciam a expressão de agressividade no teste, reforçando a importância de considerar o contexto na avaliação de autores de violência. O terceiro estudo investigou a capacidade do Rorschach em distinguir mulheres vítimas de homens encarcerados. A amostra incluiu dez mulheres vítimas de violência e dez homens encarcerados, e solicitou-se que quatro juízes experientes indicassem, às cegas, quais protocolos seriam de vítimas e quais de agressores. Foi observado um ICC de 0,75, considerado excelente, embora a amostra seja pequena. Os juízes justificaram e categorizaram verbalizações, revelando diferenças entre os grupos. Os encarcerados, embora com um padrão de agressividade mais evidente em alguns casos, evitaram envolvimento com a tarefa, enquanto as vítimas manifestaram sentimentos de desamparo, traumas e vulnerabilidade. Esses resultados reforçam a importância do Rorschach para capturar aspectos diferenciados de cada grupo, mesmo quando certas características são compartilhadas, como é o caso dos indicadores AGC e AGM que não diferenciaram grupos. Em conjunto, esses estudos apontam que o Rorschach oferece uma visão aprofundada sobre manifestações de agressividade e trauma, sendo capaz de identificar nuances emocionais em grupos com histórico de violência. As pesquisas mostram que, embora os indicadores AGC e AGM possam ser úteis, uma análise mais ampla e qualitativa das verbalizações, aliada ao contexto, potencializa compreensão da dinâmica psicológica desses indivíduos. Esse estudo tem sua relevância devido ao fato de que há um número reduzido de trabalhos que envolvam a temática.

Palavras-chave: vítimas; personalidade; violência; criminosos.

Abstract

Araujo, J.A. (2024). *Rorschach Aggression Indicators (R-PAS): Victims and Perpetrators of Violence*. Master's Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, University San Francisco, Campinas, São Paulo.

Studies on the Rorschach test in contexts of violence have provided important data for understanding patterns of aggression and emotional vulnerability, especially in individuals with a history of violence, but they reveal gaps that deserve further investigation. This work consists of three studies. The first analyzed the indicators of aggression AGC and AGM, helping to differentiate women with and without a history of violence. Forty-one protocols were compared, and although the group with a history of violence presented slightly higher averages in the AGC and AGM indicators, the differences were not statistically significant. However, other indicators, such as Blend, Y, m, MOR, F_Per and R, showed significant differences. Among these, the increase in the MOR indicator stood out, reflecting a perception of a damaged self, a common characteristic in trauma victims. This study demonstrated that the AGC and AGM indicators do not clearly differentiate victims from non-victims, with the major difference being in the complex emotional response to trauma. The second study compared the responses of two groups of perpetrators of violence: ten incarcerated individuals and ten with protective measures. Content analysis of the verbalizations revealed that the inmates frequently associated the boards with scenarios of explicit violence and deterioration, with descriptions involving animals in combat, blood, and physical fragmentation. These responses suggest a projection of more raw aggressiveness, probably exacerbated by the prison context. On the other hand, perpetrators with protective measures presented more objective and symbolic verbalizations, with less aggressive charge and focus on natural elements, which reflects a more emotionally controlled approach. The comparison between the groups suggests that the environment and individual experience influence the expression of aggressiveness in the test, reinforcing the importance of considering the context when evaluating perpetrators of violence. The third study investigated the ability of the Rorschach to distinguish female victims of violence from male incarcerated individuals. The sample included ten female victims of violence and ten male inmates, and four experienced judges were asked to blindly indicate which protocols were for victims and which for aggressors. An ICC of 0.75 was observed, which is considered excellent, despite the small sample size. The judges justified and categorized the verbalizations, revealing differences between the groups. The inmates, although with a more evident pattern of aggression in some cases, avoided involvement in the task, while the victims expressed feelings of helplessness, trauma, and vulnerability. These results reinforce the importance of the Rorschach in capturing differentiated aspects of each group, even when certain characteristics are shared, as is the case with the AGC and AGM indicators, which did not differentiate groups. Taken together, these studies indicate that the Rorschach offers an in-depth view of manifestations of aggression and trauma, and is capable of identifying emotional nuances in groups with a history of violence. Research shows that, although the AGC and AGM indicators can be useful, a broader and more qualitative analysis of verbalizations, combined with the context, enhances the understanding of the psychological dynamics of these individuals. This study is relevant due to the fact that there are few studies involving the subject.

Keywords: victims; personality; violence; criminals.

Resumen

Araujo, J.A. (2024). *Indicadores de agresividad de Rorschach (R-PAS): víctimas y perpetradores de violencia*. Tesis Doctoral, Programa de Estudios de Posgrado en Psicología, Universidad San Francisco, Campinas, São Paulo.

Los estudios sobre el test de Rorschach en contextos de violencia han proporcionado datos importantes para comprender patrones de agresión y vulnerabilidad emocional, especialmente en individuos con antecedentes de violencia, pero revelan lagunas que merecen mayor investigación. Este trabajo consta de tres estudios. El primero analizó los indicadores de agresividad de AGC y AGM, ayudando a diferenciar entre mujeres con y sin antecedentes de violencia. Se compararon 41 protocolos, y aunque el grupo con antecedentes de violencia tuvo promedios ligeramente superiores en los indicadores AGC y AGM, las diferencias no fueron estadísticamente significativas. Sin embargo, otros indicadores como Blend, Y, m, MOR, F_Per y R mostraron diferencias significativas. Entre ellos, se destacó el aumento del indicador MOR, que refleja una percepción de yo dañado, característica común en las víctimas de trauma. Este estudio demostró que los indicadores AGC y AGM no diferencian claramente a las víctimas de las no víctimas, siendo la gran diferencia la compleja respuesta emocional al trauma. El segundo estudio comparó las respuestas de dos grupos de perpetradores de violencia: diez encarcelados y diez con medidas de protección. El análisis de contenido de las verbalizaciones reveló que los internos asociaban frecuentemente los tableros con escenarios de violencia explícita y deterioro, con descripciones que involucraban animales en combate, sangre y fragmentación física. Estas respuestas sugieren una proyección de agresión más cruda, probablemente exacerbada por el contexto carcelario. Por otro lado, los autores con medidas protectoras presentaron verbalizaciones más objetivas y simbólicas, con menos carga agresiva y centradas en elementos naturales, lo que refleja un enfoque más controlado emocionalmente. La comparación entre los grupos sugiere que el entorno y la experiencia individual influyen en la expresión de la agresión en la prueba, reforzando la importancia de considerar el contexto al evaluar a los perpetradores de violencia. El tercer estudio investigó la capacidad del Rorschach para distinguir a las mujeres víctimas de violencia de los hombres encarcelados. La muestra incluyó diez mujeres víctimas de violencia y diez hombres encarcelados, y a cuatro jueces experimentados se les pidió que indicaran, a ciegas, qué protocolos serían para las víctimas y cuáles para los agresores. Se observó un CCI de 0,75, considerado excelente, aunque la muestra es pequeña. Los jueces justificaron y categorizaron las verbalizaciones, revelando diferencias entre los grupos. Las personas encarceladas, aunque con un patrón de agresión más evidente en algunos casos, evitaron involucrarse en la tarea, mientras que las víctimas expresaron sentimientos de impotencia, trauma y vulnerabilidad. Estos resultados refuerzan la importancia del Rorschach para capturar diferentes aspectos de cada grupo, incluso cuando ciertas características son compartidas, como es el caso de los indicadores AGC y AGM que no diferenciaban grupos. En conjunto, estos estudios indican que el Rorschach ofrece una visión profunda de las manifestaciones de agresión y trauma, pudiendo identificar matices emocionales en grupos con antecedentes de violencia. Las investigaciones muestran que, aunque los indicadores AGC y AGM pueden ser útiles, un análisis más amplio y cualitativo de las verbalizaciones, combinado con el contexto, mejora la comprensión de la dinámica psicológica de estos individuos. Este estudio es relevante debido a que existe un pequeño número de trabajos que involucran el tema.

Palabras clave: víctimas; personalidad; violencia; criminales.